

Géza ALFÖLDY

(1935–2011)

Escreveu José María Escrivá Balaguer, logo no começo da sua obra fundamental *Camino*:

«Que tu vida no sea una vida estéril. Sé útil. Deja poso».

E recordo também, a propósito da sentença «dejar poso», o profundo poema do imortal António Machado (*Poesías Completas*, Selecciones Austral, Espasa–Calope, Madrid, 1984¹⁰, p. 223):

«Caminante, son tus huellas
el camino, y nada más;
caminante, no hay camino,
se hace camino al andar.
Al andar se hace camino,
y al volver la vista atrás
se ve la senda que nunca
se ha de volver a pisar»

Decerto, nesse sombrio 6 de Novembro de 2011, sobre a acrópole de uma sofrida Atenas, Géza Alföldy (7.V.1935) alargou o olhar pelo horizonte de uma cidade já sem o brilho de outrora, envolta em insuperáveis dificuldades... Não se terá recordado de Escrivá nem de Machado; mas, na véspera de ir receber, na acolhedora ilha de Corfu, mais um doutoramento *honoris causa* (oito contava já no seu palmarés: Barcelona, Bolonha, Cluj–Napoca, Budapeste...), o ataque cardíaco que o vitimou pode ter sido provocado não apenas pelo que via derredor e pelo caminho andado, pelas *huellas* deixadas para trás, mas também pelo muito que ainda lhe apeteceria caminhar!...

Não foi, na verdade, a sua uma vida «estéril»: foi «útil», deixou «rasto». Abriu caminhos, que outros melhor que eu já evocaram e ainda vão evocar. Nascido em Budapeste e tendo partido, logo em 1965, com apenas 30 anos, para a Alemanha Ocidental, teve uma existência incansável de mui diligente investigador.

Escusado será dizer quanto os estudos epigráficos devem a Géza Alföldy, nomeadamente no que concerne ao território espanhol. Marco da maior importância foi, desde logo, a sua tese de doutoramento, *Die Römischen Inschriften von Tarraco*, (Berlim, 1975), que actualizou no quadro da reedição do *CIL* II, de que era, com Armin U. Stylow, entre outros, o principal

obreiro e entusiasta. Recorde-se que, dessa reedição, o I volume publicado, em 1995, dedicado à parte meridional do *conventus Tarraconensis* (CIL II²/14) foi da responsabilidade da equipa que liderou. E, no prólogo ao livro de Diana Gorostidi Pi, sobre as inscrições romanas do *ager Tarraconensis*, com data de edição de Outubro de 2010, anunciava G. Alföldy a publicação em dois tomos (2011 e 2012) do fascículo 2 desse CIL II²/14, «que contiene unas 1.600 inscripciones, incluyendo los hallazgos más recientes, los textos griegos, los miliarios, los textos falsos inventados por los eruditos de la época humanista y las inscripciones procedentes desde otras partes del Imperio romano [...], que hacen referencia a *Tarraco* y a tarraconenses».

Não se espera de uma figura austera e de mui poucas palavras, como o era G. Alföldy, que possa, um dia, ter salientado o valor de trabalhos alheios; nesse prólogo, porém, não terá hesitado em afirmar:

«Quisiera subrayar que este aumento del material de mi obra reciente no hubiera sido posible sin la ayuda de la autora del libro presentado aquí, con cuyo trabajo intensivo sobre la epigrafía del *ager Tarraconensis* ha empezado una nueva época de la investigación epigráfica de esta zona».

Congratulo-me, porque, em meu entender, também deve ser apanágio dos mestres reconhecer a actividade alheia. De facto, ao lermos o título de um dos seus derradeiros artigos publicados, «Thousand years of epigraphic culture in Roman Hispania: inscriptions, self representation and social order» (*Lucentum* 30 2011 187–220), poderíamos pensar que — na esteira, por exemplo, de Carmen Castillo e dos seus apreciados relatórios quinquenais apresentados nos congressos internacionais de Epigrafia — nessas páginas se daria conta do que, no âmbito desta disciplina e na Hispânia (e não apenas em Espanha), se tivesse progredido no último século; mas, na verdade, é à sua experiência que dá maior relevo e de Portugal apenas refere a sua interpretação, aliás mui acertada, das epígrafes rupestres do santuário de Panóias — «Die Mysterien von Panoias (Vila Real – Portugal)», *Madrider Mitteilungen* 38 1997 176–246 —, a difícil reconstituição que propôs de um *cursus* senatorial de *Bracara Augusta* (*Revista de Guimarães* 76 (3–4) 1966 363–372), textos, aliás, de citação sempre obrigatória; e, ainda, a sua interpretação, diversa da de Patrick Le Roux, sobre o significado de *Municipalis* aposto numa dedicatória de *Aquae Flaviae* a I. O. M.

Modestamente, porém, posso afirmar que, no último século, algo se tem feito também por estas bandas ocidentais, com realce, por exemplo, para figuras ímpares como José Leite de Vasconcelos (1858–1941), criador do Museu Nacional de Arqueologia, onde reuniu enorme espólio epigráfico, que estudou, ou Scarlat Lambrino (1891–1964), romeno docente de Epigrafia na Faculdade de Letras de Lisboa e autor de bem inovadores artigos para a sua época. Também não lhe teria ficado mal uma palavra em relação ao

monumental catálogo *Religiões da Lusitânia – Loquuntur Saxa* (Lisboa, 2002), em que, aliás, foi convidado a colaborar (leve menção na nota 132 do seu citado artigo da *Lucentum*).

Para mim, Géza Alföldy foi, pois, o Epigrafista, o técnico da Epigrafia, amiúde encerrado numa torre de marfim, incansável na tentativa de resolver problemas de leitura e de interpretação os mais complexos, sempre assaz peremptório e tenaz nas suas opiniões. Vejo-o com entusiasmo a reconstituir o longo texto do teatro de Tarragona a partir de blocos dispersos, ou a examinar cuidadosamente os buracos de preensão das letras de bronze do aqueduto de Segóvia ou de um arco de triunfo, para completar a inscrição que lá fora exarada. Admirei-o no estabelecimento da actividade e da prosopografia de muitos notáveis da Hispânia romana (*Flamines prouvinciae Hispaniae Citerioris*, Madrid, 1973; *Los Baebii de Sagunto*, Valência, 1977; e tantos outros) e na análise da correspondente organização político-administrativa haurida nos textos epigráficos («El nuevo edicto de Augusto de El Bierzo en Hispania», in GRAU LOBO (Luis) e HOYAS DÍEZ (José Luis) [eds.], 2001: *El Bronce de Bembibre: un edicto del emperador Augusto del año 15 a.C. Museo de León*, León, 2001, p. 11–27)...

Inclino-me, por conseguinte, mui respeitosamente, perante a memória do mais entusiasta obreiro da nova edição do *CIL* II, que foi a sua preocupação constante e que, estou certo, muito gostaria de ter visto completada na sua maior parte.

Dado o intenso labor desenvolvido, o Professor Géza Alföldy será, pois, sempre recordado como um dos grandes epigrafistas de todos os tempos.

José D'ENCARNAÇÃO